

Lendas E Narrativas

POR

A. HERCULANO

Duodecima edição

TOMO I

S. 869. HER. Lem

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

AILLAUD, ALVES & C.^a

Paris — 96, Boulevard Montparnasse
(Livraria Aillaud)

AILLAUD, ALVES, BASTOS & C.^a

Lisboa — 73, Rua Garrett, 75
(Livraria Bertrand)

FRANCISCO ALVES & C.^a

RIO DE JANEIRO

166, Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

65, Rua de S. Bento, 65

BELLO HORIZONTE

1055, Rua da Bahia, 1055

BIBLIOTECA
ANTÓNIO
SÉRGIO
6318

tempo que pelos becos e encruzilhadas soava um tropear de passadas, um sussuro de vozes vagas, que indicavam terem sido agitadas as ondas populares pelo vento de Deus e que ainda esse mar revolto não tinha inteiramente caído na calma e somnolencia que vem após a procella.

E assim era, com effeito, como o leitor poderá averiguar por seus proprios olhos e ouvidos, se, manso, manso e disfarçado, quizer entrar comnosco na mui afamada e antiga taberna do velho Folco Taca, que nos fica bem perto, logo ao sair da sé, na rua quê sobe para os paços da alcaçova, sete ou oito portas acima dos paços do concelho.

A taberna de micer Folco Taca, genovês que viera a Portugal ainda impubere, como pagem d'armas do famoso almirante Lançarote Peçanha, e que havia annos abandonara o serviço maritimo para se dar á mercancia, era a mais celebre entre todas as de Lisboa, não só pelo luxo do seu adereço, e pela bondade dos liquidos encerrados nas cubas monumentaes que a pejavam, mas tambem porque, em um aposento mais retirado e interior, uma vasta banca de pinho e muitos assentos rasos ou escabellos offereciam todo o commodo aos tavolageiros de profissão para perderem ou ganharem ahi,

em noites de jogo infrene, os bellos alfosins e maravedis de ouro ou as estimadas dobras de D. Pedro I, o qual, ao contrario dos seus antecessores e successores, julgara ser mais rico e poderoso fazendo cunhar moeda de bom toque e peso, do que roubando-lhe o valor intrinseco e augmentando-lhe o nominal, segundo o costume de todos os reis no começo do seu reinar.

Micer Folco soubera estender grossas nevoas sobre os olhos do corregedor da côrte e de todos os saïões, algozes e mais familia da nobre raça dos alguazis sobre a illegalidade de semelhante estabelecimento industrial. O elixir que elle empregara para produzir essa maravilhosa cegueira não sabemos nós qual fosse; mas é certo que não se perdeu com a alchimia, porque se vê que elle existe em mãos abençoadas, produzindo, ainda hoje, repetidos milagres, em tudo analogos a este.

Era, pois, na taberna-tavolagem da *Porta-do-Ferro*, conhecida vulgarmente por tal nome em consequencia da vizinhança d'esta porta da antiga cêrca, onde os ruidos vagos e incertos que sussurravam pelas ruas da cidade soavam mais alta e distinctamente, como em sorvedouro marinho as ondas, remoinhando e percipitando-se, estrepitam no centro da voragem com mais so-

turno e retumbante fragor. A vasta quadra da taberna estava apinhada de gente, que trasbordava até o breve terreirinho da sé, falando todos a um tempo, accesos, ao que parecia, em violentas disputas, que ás vezes eram interrompidas pelo mais alto brado das pragas e blasphemias, indício evidente de que o successo que motivava aquella assuada ou tumulto era negocio que excitava vivamente a colera popular.

Já no fim do seculo decimo quarto era o povo, asim como hoje, colerico. Então coleras da puericia; hoje aborrimentos da vilhice.

Se na rua o borbório era tempestuoso e confuso, dentro da casa de micer Folco a bulha podia chamar-se infernal. Para um dos lados, no meio de uma espessa mó de populares, ouviam-se palavras ameaçadoras, sem que fosse possivel perceber contra qual ou quaes individuos se accumulava tanta sanha. Para outra parte, d'entre a vozear de uma cerrada pinha de mulheres, cuja vida de perdição se revelava nos seus coromens de panno d'Arrás, nos cintos escuros, nas camisas e véus desadornados e lizos, rompiam risadas discordes e esganiçadas, nas quaes se manifestavam, profundamente impressos, o descaro e a insolencia d'aquellas desgraçadas. Em cima dos bofetes viam-se pi-

cheis e taças vazias, e debaixo de alguns d'elles corpos estirados, que simulariam cadaveres, se os assobios e roncões, que, ás vezes, sobre-saíam através do ruído d'aquelle respeitavel congresso, não provassem que esses honrados cidadãos, suavemente embalados pelos vapores do vinho e do enthusiasmo, tinham adormecido na paz d'uma boa consciencia. Emfim, a composta e bem reputada taberna do antigo companheiro de gloria de micer Lançarote estava visivelmente prostituida e livelada com as mais immundas e vis baiúcas de Lisboa. O gigante popular tinha ali assentado a sua curia feroz, e pela primeira vez o vicio e a corrupção tinham transposto aquelles umbraes sem a sua mascara de modestia e gravidade. Sobre os farrapos do povo não teem cabida os ardonos de ouropel. É a unica differença moral que ha entre elle e as classes superiores, que se crêem melhores, porque no gymnasio da civilização aprendem desde a infancia as destrezas e os momos de compostura hypocrita.

O astro que parecia alumiar com a sua luz, aquecer com o seu calor aquelle turbilhão de planetas; o centro moral á roda do qual giravam todos aquelles espiritos era um homem que dava mostras de ter bem quarenta annos, alto, magro, trigueiro, olhos encovados e scin-

tillantes, cabello negro e revoltó, barba grisalha e espessa. Encostado a um dos muitos bofetes que adornavam o amplo aposento e rodeado de uma grossa pinha de populares de ambos os sexos que o escutavam em respeitoso silencio, a sua voz forte e sonora sobresaía no ruído e só se confundia com alguma jura blasphema que se disperava do meio das outras pinhas de povo ou com as modulações das risadas que vibravam naquelle ambiente denso e abafado, de certo modo semelhantes a clarão afogueado que sulcasse rapidamente as trevas humidas e profundas da crypta subterranea de alguma egreja do sexto seculo. De repente, dois cavalleiros, cuja graduação se conhecia pelos barretes de velludo preto adornadas de pluma ao lado, pelas calças de seda golpeadas e pelos cinctos de pelle de gamo lavrados de prata, entraram na taberna, e rompendo por entre o povo, que lhe alargava a passagem, chegaram ao pé do homem alto e trigueiro. Traziam os capeirotos puxados para a cara, de modo que nenhum dos circumstantes pôde conhecer quem eram. Bastantes desejos passaram por muitos d'aquelles cerebos vinolentos de o indagar; mas a mesma reflexão atou simultaneamente todas as mãos. Ao longo da côxa esquerda dos embuçados via-se reluzir a espada, e no lado

direito e apertado no cincto, que a ponta er-
guida do capeirote deixava apparecer, descor-
tinava-se o punhal. O passaporte para virem
assim aforrados era digno de consideração, e
ainda que entre a turba se achassem alguns ho-
mens d'armas, principalmente bésteiros, quasi
todos estavam desarmados. Tinha seus riscos,
portanto, o pôr-lhe o *visto* popular.

Os dois desconhecidos falaram em segredo
por alguns minutos ao homem alto e magro,
que, de quando em quando, meneava a cabeça,
fazendo um gesto de assentimento: depois rom-
peram por entre a turba, que os examinava
com uma especie de receio misturado de res-
peito, e, foram assentar-se em dois dos esca-
bellos enfileirados ao correr da parede. Encos-
tando os cotovellos em um bofete, com as
cabeças apertadas entre os punhos, ficaram im-
moveis e como alheios ao sussurro que come-
çava a alevantar-se de novo á roda d'elles.

Este durou breves instantes; um *psiuh* do ho-
mem alto e magro fez voltar todos os olhos
para aquella banda. Subindo a um escabello,
elle deu signal com a mão de que pretendia
falar.

"Ouvide, ouvide!" — bradaram alguns que
pareciam os maioraes d'aquella multidão desor-
denada.

Todos os pescoços se alongaram a um tempo, e viram-se muitas mãos callosas erguerem-se encurvadas e formarem em volta das orelhas de seus donos uma especie de anel acustico. O orador principiou:

“Arraya-miuda!¹ tendes vós já elegido, entre vós outros, cidadãos bem falantes e avisados para propôr vossos embargos e razoados contra este maldicto e descommunal casamento d’el-rei com a mulher de João Lourenço da Cunha?”

“Todos á uma entendemos que deveis ser vós, mestre Fernão Vasques — respondeu um velho, cuja calva polida reverberava os raios d’uma das lampadas pendentes do tecto, e que parecia ser homem de conta entre os populares. — Quem ha ahi entre a arraya-miuda mais discreto e aposto para taes autos que vós,? Quem com mais urgentes razões proporia nosso

¹ Fernão Lopes dá a entender (Chr. de D. João I, P. 1.^a, c. 44) que a dominação de *arraya-miuda* se começara a dar aos populares no principio da revolta a favor do mestre d’Avis, para os distinguir dos nobres, pela maior parte fautores de D. Leonor e dos castelhanos; mas este titulo chocarreiro havia tomado para si o povo miudo já d’antes e com muita seriedade. Em um documento de 1305 (Chancell. de D. Diuiz, L. 3.^o das Doações, fol. 42 v.) se diz que outorgavam certas cousas os cavalleiros, juizes e concelho de Bragança e *toda arraya-miuda*.

aggravo e a deshonra e viltá d'el-rei, do que vós o fizeste hoje na mostra que démos ao paço esta tarde?»

“Alcacer, alcacer! por nosso capitão Fernão Vasques, — bradou unisona a chusma.

“Fico-vos obrigado, mestre Bartholomeu Chambão! — replicou Fernão Vasques, socegado o tumulto. — Pelo razoado de hoje terei em paga a força, se a adúltera chega a ser rainha: pelo de amanhã terei as mãos decepadas em vida, se el-rei com as suas palavras mansas e enganosas souber apaziguar o povo. E tende vós por averiguado, mestre Bartholomeu, que o carrasco sabe apertar melhor o nó da corda na garganta que eu o ponto em peitilho de saio eu em costura de redondel ou pelote, e que o cutello do algoz entra mais rijo no gasete de um christão que a vossa enchó numa aduela de pipa!»

“Nanja enquanto na minha aljava houver almazem, e a garrucha da bésta me não estourar, — exclamou um béstieiro do conto, cambaleando e erguendo-se debaixo d'um bofete, para onde o haviam derribado certas perturbações d'entusiasmo politico.

“*Amen, dio bovis!*” — gritou um beguino, cujas faces vermelhas e voz de Stentor brigavam com o habito de grosseiro burel e com as

desconformes camandulas que lhe pendiam da cinta.

“Olé, Frei Roy Zambrana, fala linguagem christenga, se queres vir nesse bordo por nossa esteira” — bradou um petintal d’Alfama, que, segundo parecia, capitaneava um grande troço de pescadores, barqueiros e galeotes d’aquelle bairro, então quasi exclusivamente povoado de semelhante gente.

“Digo por linguagem — acudiu o beguino — que ninguem como mestre Fernão Vasques é homem de cordura e sages para amanhã falar a el-rei aguisadamente sobre o feito do casamento de Leonor Telles, do mesmo modo que ninguem leva vantagem ao petintal Ayras Gil em ousadia para fugir ás galés de Castella e para doestar os bons servos da egreja.”

Era a allusão pessoal. Uma risada ruidosa e longa correspondeu á mordente desforra de Frei Roy, que abaixou os olhos com certo modo hypocritamente constricto semelhante ao gato que, depois de dar a unhada, vem roçar-se mansamente pela mão que ensanguentou.

Frei Roy era tambem, como Ayras Gil, um idolo popular, e a má vontade que parecia haver entre o beguino e o petintal nascera da emulação; de uma duvida cruel sobre a altura relativa do throno de encruzilhada, do throno

de lama e farrapos em que cada um d'elles se assentava.

Se, pois, aquella multidão não estivesse persuadida da superioridade intellectual do alfaiate Fernão Vasques, a opinião d'esses dois oraculos não lhe teria deixado a menor duvida sobre isso. Todavia, nas palavras de ambos havia um pensamento escondido; pensamento de odio que nascera num dia, e num dia lançara profundas raizes nos corações de ambos. O marinheiro e o eremita tinham pensado ao mesmo tempo que, lisonjeando esse homem mimoso do vulgo, tirariam junctamente dous resultados, o de ganharem mais crédito entre este e o de aplanarem a estrada da força ao novo rei das turbas, erguido, havia poucas horas, sobre os broqueis populares.

Mas que auto era esse de que o povo falava? Sabê-lo-hemos remontando um pouco mais alto,

O amor cego d'el-rei D. Fernando pela mulher de João Lourenço da Cunha, D. Leonor Telles, havia muito que era o pasto saboroso da maledicencia do povo, dos calculos dos politicos e dos enredos dos fidalgos. Ligada por parentesco com muitos dos principaes cavalleiros de Portugal, D. Leonor, ambiciosa, dissimulada e corrompida, tinha empregado todas

as artes do seu engenho prompto e agudo em formar entre a nobreza uma parcialidade que lhe fosse favoravel. Quanto a el-rei, a paixão violenta em que este ardia lhe assegurava a ella o completo dominio no seu coração. Mas as miras d'aquella mulher, cuja alma era um abysmo de cubiça, de desenfreamento, de altivez e de ousadia, batiam mais alto do que na triste vangloria de ver a seus pés um rei bom, generoso e gentil. Através do amor de D. Fernando ella só enxergava o refulgir da corôa, e o homem sumia-se nesse esplendor. O nome de rainha misturava-se em seus sonhos; era o significado de todas as suas palavras de ternura, o resumo de todas as suas caricias, a idéa primordial de todas as suas idéas. Leonor Telles não amava el-rei, como o provou o tempo; mas D. Fernando cria no amor d'ella; e este principe, que seria um dos melhores monarchas portugueses, e que a muitos respeitos o foi, deixou na historia, quasi sempre superficial, um nome deshonorado, por ter escripto esse nome na horrivel chronica da nossa Lucrecia Borgia. Uma difficuldade, quasi insuperavel para outra que não fosse D. Leonor, se interpunha entre ella e os seus ambiciosos designios. Era casada! Um processo de divorcio por parentesco, julgado por juizes affectos

a D. Leonor ou que sabiam até aonde alcançava a sua vingança, a livrou d'esse tropeço. Seu marido, João Lourenço da Cunha, atarrado, fugiu para Castella, e D. Fernando, casado, segundo se dizia, a occultas com ella, muito antes da epocha em que começa esta narrativa, viu emfim satisfeito o seu amor insensato.

Aquelles d'entre os nobres que ainda conservavam puras as tradições severas dos antigos tempos indignavam-se pelo opprobrio da corôa e pelas consequencias que devia ter o repudio da infanta de Castella, cujo casamento com el-rei, ajustado e jurado, este desfizera com a leveza que se nota como defeito principal no character de D. Fernando. Entre os que altamente desaprovavam taes amores, o infante D. Dinis, o mais moço dos filhos de D. Ignez de Castro, e o velho Diogo Lopes Pacheco¹ eram, segundo parece, os cabeças da

¹ Fernão Lopes affirma que Pacheco não tornara ao reino desde que fugira por escapar á vingança de D. Pedro I por causa da morte de D. Ignez, senão no anno de 1372, em que viera por embaixador d'el-rei D. Henrique. Isto parece inexacto; Fr. Manuel dos Sanctos affirma o contrario fundado na restituição de todos os seus bens e titulos feita por D. Fernando no começo do seu reinado.

parcialidade contraria a D. Leonor: aquelle pela altivez de seu animo; este por gratidão a D. Henrique de Castella, em quem achara amparo e abrigo no tempo dos seus infortunios, e que o salvara da triste sorte de Alvaro Gonçalves Coutinho e de Pedro Coelho, seus companheiros no patriotico crime da morte de D. Ignez.

O casamento d'el-rei, ou verdadeiro ou falso, era ainda um rumor vago, uma suspeita. Os nobres, porém, que o desapprovavam souberam transmittir ao povo os proprios temores, e a agitação dos animos crescia á medida que os amores d'el-rei se tornavam mais publicos. D. Fernando tinha já revelado aos seus conse-

Não é isto que prova a assistencia de Pacheco em Portugal no anno de 1371, não só porque depois de vir podia voltar para Castella, mas tambem porque essa restituição podia ser feita estando e conservando-se elle ausente, visto que a fruição d'um titulo ou de terras da corôa, por simples mercê, não obrigando a serviço pessoal, ao menos até o tempo de D. João I, não tornava necessaria a presença do donatario no reino. O que prova a verdade da opinião de Sanctos é a doação feita a Diogo Lopes em 1371 (Chancell. de D. Fern. f. 84) da terra de Trancoso para pagamento de sua quantia, o que suppõe serviço pessoal; porque era pelas quantias que os fidalgos estavam obrigados a fazê-lo.

Arborescencia de la especie : 51

Claves superiores : 53

Arborescencia : 62